

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

TAINÁ NUNES PEREIRA LIMA

ENVOLVIMENTO OCUPACIONAL DE MULHERES UMBANDISTAS

RECIFE, 2023

TAINÁ NUNES PEREIRA LIMA

ENVOLVIMENTO OCUPACIONAL DE MULHERES UMBANDISTAS

Artigo científico elaborado segundo as normas da Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional, como exigência final para obtenção do grau de Terapeuta Ocupacional, pelo Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientadora: Prof^ª. Flávia Pereira da Silva

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. MÉTODO	6
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	7
3.1. Iniciação à Umbanda	7
3.2. As ocupações e a Umbanda	8
3.3. Liberdade de expressão religiosa	9
3.4. Ser mulher e ser de Umbanda	9
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	10
Referências bibliográficas	10

ENVOLVIMENTO OCUPACIONAL DE MULHERES UMBANDISTAS**OCCUPATIONAL INVOLVEMENT OF UMBANDIST WOMEN****ENVOLVIMIENTO OCUPACIONAL DE MUJERES UMBANDISTAS****Resumo**

A ocupação é o principal objeto de estudo e domínio da Terapia Ocupacional e o envolvimento ocupacional pode ser considerado um fator promotor de saúde e participação social, definido como o desempenho nas ocupações resultante da tríade escolha-motivação-significado. Portanto, o objetivo deste trabalho é investigar o envolvimento ocupacional de mulheres umbandistas em práticas que são próprias da religião. Trata-se de um estudo de campo, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, descritivo e explicativo. A pesquisa foi realizada no Centro de Umbanda Lar de Ita, com 8 mulheres frequentadoras do terreiro, através de uma entrevista semiestruturada. Diante dos resultados obtidos, destacaram-se categorias temáticas: Iniciação à Umbanda; as Ocupações e a Umbanda; Liberdade de expressão religiosa; Ser mulher e ser de Umbanda. Observou-se que mulheres umbandistas se envolvem em práticas significativas que são próprias da tradição umbandista, e essas práticas têm influência em outras ocupações do cotidiano. Além disso, a prática da religião umbandista tem influência nos aspectos subjetivos de encarar o processo de saúde -doença, assim como no exercício do papel ocupacional de mulher de Umbanda.

Palavras-chave: Religião; Liberdade de religião; Terapia Ocupacional; Atividades diárias.

Abstract

Occupation is the main object of study and domain of Occupational Therapy and occupational involvement can be considered a factor that promotes health and social participation, defined as performance in occupations resulting from the choice-motivation-meaning triad. Therefore, the objective of this work is to investigate the occupational involvement of Umbanda women in practices that are characteristic of the religion. This is a field study, with a qualitative approach and an exploratory, descriptive and explanatory character. The research was carried out at the Centro de Umbanda Lar de Ita, with 8 women who frequent the terreiro, through a semi-structured interview. In view of the results obtained, thematic categories stood out: Initiation to Umbanda; Occupations and Umbanda; Freedom of religious expression; Being a woman and being from Umbanda. It was observed that Umbanda women engage in significant practices that are typical of the Umbanda tradition, and these practices influence other daily occupations. In addition, the practice of the Umbanda religion has an influence on the subjective aspects of facing the health-disease process, as well as on the exercise of the occupational role of a woman from Umbanda.

Keywords: Religion; Freedom of Religion; Occupational Therapy; Activities of Daily Living.

Abstracto

La ocupación es el principal objeto de estudio y dominio de la Terapia Ocupacional y el involucramiento ocupacional puede ser considerado un factor que promueve la salud y la participación social, definida como el desempeño en las ocupaciones resultantes de la tríada elección-motivación-significado. Por lo tanto, el objetivo de este trabajo es investigar el involucramiento ocupacional de las mujeres Umbanda en prácticas propias de la religión. Se trata de un estudio de campo, con enfoque cualitativo y carácter exploratorio, descriptivo y explicativo. La investigación se llevó a cabo en el Centro de Umbanda Lar de Ita, con 8 mujeres que frecuentan el terreiro, a través de una entrevista semiestructurada. En vista de los resultados obtenidos, se destacaron las categorías temáticas: Iniciación a la Umbanda; Ocupaciones y Umbanda; Libertad de expresión religiosa; Ser mujer y ser de Umbanda. Se observó que las mujeres umbandistas realizan prácticas significativas propias de la tradición umbanda, y estas prácticas influyen en otras ocupaciones cotidianas. Además, la práctica de la religión Umbanda influye en los aspectos subjetivos del enfrentamiento del proceso salud-enfermedad, así como en el ejercicio del rol ocupacional de la mujer Umbanda.

Palabras clave: Religión; Libertad de Religión; Terapia Ocupacional; Actividades Cotidianas.

1. INTRODUÇÃO

A Terapia Ocupacional é uma profissão voltada para o cuidar, formada por atividades de vida diária, atividades artesanais e manuais: ocupações estereotipicamente tidas como femininas. O surgimento da Terapia Ocupacional no Brasil seguiu o modelo norte-americano e, portanto, era subentendido que o perfil profissional da T.O. era constituído por mulheres, o que corrobora o estereótipo de que essa profissão é feminina. (Figueiredo et al., 2017).

O fazer profissional da Terapia Ocupacional é atravessado por uma abordagem política e, nesse sentido, pesquisas com enfoque no movimento feminista têm buscado trazer uma nova visão do modelo científico da profissão, assim como questionar posições de poder observadas na cultura patriarcal. É possível observar uma forte onda de produção de conhecimento na América Latina em que perspectivas críticas, epistemologias feministas e epistemologias do sul têm consolidado uma atuação da Terapia Ocupacional que dialoga com as necessidades e contextos locais, e enfrenta as desigualdades de gênero vivenciadas na prática (Lima, 2021).

A Ocupação é o principal objeto de estudo e domínio da Terapia Ocupacional, e é definida como "atividades cotidianas que as pessoas realizam individualmente, em família e com as comunidades, para ocupar o tempo e trazer significado e propósito à vida" (WFOT, 2012). De acordo com a American Occupational Therapy Association (AOTA, 2020) as ocupações apresentam um caráter subjetivo e significativo para o indivíduo, grupo ou população, além de serem fatores que influenciam a saúde e auto identificação de cada um.

O envolvimento ativo nas ocupações pode ser considerado um fator promotor da saúde e participação social. Nesse aspecto, o Envolvimento Ocupacional é definido como o desempenho nas ocupações resultante da tríade escolha-motivação-significado, e está associado com a relação da mente, corpo e espírito do indivíduo. Outrossim, o Envolvimento Ocupacional pode ser influenciado pelos contextos, padrões e competências de desempenho, e fatores do sujeito, como valores, crenças e espiritualidade (AOTA, 2020).

A Espiritualidade é um dos fatores que pode impactar o Envolvimento Ocupacional, e, a partir do estudo de Ballarin et al. (2016), observou-se que é um tópico estudado pela profissão e pode ser utilizado nas intervenções terapêuticas ocupacionais. Saliencia-se que há uma diferença entre os conceitos de Espiritualidade e Religião. A Espiritualidade não necessariamente está relacionada à religião, e trata-se de um processo subjetivo do indivíduo de encarar sua própria existência, com possibilidade de trazer mudanças internas, enquanto o conceito de religiosidade apresenta um caráter institucional relacionado a uma prática ritualística.

De acordo com Camargo (2019), o estudo histórico e evolutivo sobre significado da palavra "religião" o associa a uma ideia de reafirmação da ligação entre os indivíduos, que estão unidos sob as mesmas leis e normas, assim como a conexão dos seres humanos com o plano sagrado.

A Umbanda, por sua vez, é uma religião brasileira, criada na cidade do Rio de Janeiro, entre o fim do século XIX e o início do século XX e possui diversos elementos de religiões africanas e cristãs. Apesar de ser uma prática com diversas vertentes que variam de terreiro para terreiro, a Umbanda apresenta características imutáveis: é uma religião monoteísta, de culto aos orixás, que são entidades divinas, crenças em guias espirituais (que se apresentam como caboclos, pretos velhos, crianças, ciganas, boiadeiros, malandros, exus e pombagiras) e em leis cármicas, que é um ciclo de causa e consequência gerado por atitudes e escolhas (Camargo, 2019).

Para se tornar umbandista, é necessário passar por um processo chamado iniciação. A iniciação se dá através de uma educação gradual, na qual o praticante irá aprender dogmas próprios da religião umbandista, conhecidos como os mistérios da Umbanda. No processo de iniciação se aprende a diferenciação dos cargos dentro do terreiro, as saudações, o ritual de defumação, as utilidades das ervas, entre outros (Soboll, 1961).

De acordo com o Censo de 2010, pôde-se observar que a Umbanda é a quarta religião com mais adeptos no Brasil, ficando atrás apenas das doutrinas católica, evangélica e espírita. No entanto, ainda assim, pode ser considerada pouco difundida nos veículos midiáticos e, conseqüentemente, razoavelmente desconhecida (Silva, 2019). Dravet (2019) aponta que esse afastamento da mídia com religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé, acontece de forma paralela ao distanciamento acadêmico com tudo que é de ordem religiosa.

Segundo Lima (2021), religiões advindas da cultura Iorubá, como a Umbanda, direcionam seu olhar para a mulher sem associá-la a algum aspecto fálico. Entidades como a Pombagira assumem características como sensualidade, emoções complexas e atitudes liberais, que as aproximam de mulheres praticantes da doutrina, haja vista que isso são atributos presentes em comportamentos

humanos. Nesse sentido, religiões afro-brasileiras se distanciam do cristianismo patriarcal ao cultuar o arquétipo da mulher autoconsciente de sua posição na sociedade, assim como sua liberdade feminina.

Dito isso, o objetivo desse estudo foi investigar o envolvimento ocupacional de mulheres umbandistas em práticas que são próprias da religião.

2. MÉTODO

A presente pesquisa se tratou de um estudo de campo, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, descritivo e explicativo. A pesquisa qualitativa é uma modalidade da pesquisa científica, em que o pesquisador se interessa pelos aspectos subjetivos do objeto de estudo (Pereira et al., 2018). Nessa direção, Godoy (1995) afirma que ao utilizar esta abordagem, o pesquisador visa investigar o objeto de estudo, partindo dos aspectos subjetivos dos indivíduos analisados, levando em conta os diferentes pontos de vista.

A pesquisa foi realizada no Centro de Umbanda Lar de Ita, localizado no bairro do Vasco da Gama, na cidade de Recife - PE. O lugar foi escolhido em razão da facilidade de acesso e pela possibilidade de encontrar diversas mulheres praticantes da doutrina umbandista.

Participaram da pesquisa 8 mulheres praticantes da Umbanda. Para isso, foram adotados como critérios de inclusão: ser mulher que se considera praticante da religião umbandista, possuir mais de 18 anos de idade e aceitar assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. E como critérios de exclusão: estar afastada da prática religiosa e não ter passado pelos processos de iniciação à Umbanda, apesar de se considerar praticante.

A coleta de dados apenas ocorreu em seguida à aprovação do comitê de ética da Universidade Federal de Pernambuco, e após as participantes assinarem o TCLE. Além disso, aconteceu por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas e transcritas na íntegra, assim como, foi realizado um diário de campo a fim de captar elementos que poderiam vir a passar despercebidos na transcrição das entrevistas.

Minayo e Costa (2018) definem a entrevista semiestruturada como aquela que “combina um roteiro com questões previamente formuladas e outras abertas, permitindo ao entrevistador um controle maior sobre o que pretende saber sobre o campo e, ao mesmo tempo, dar espaço a uma reflexão livre e espontânea do entrevistado sobre os tópicos assinalados” (p. 142).

As entrevistas aconteceram de forma presencial em 4 idas ao campo de pesquisa, e as entrevistadas foram escolhidas em visitas ao Centro de Umbanda em questão, considerando os critérios de inclusão e exclusão.

Os dados foram analisados por meio de uma leitura da transcrição de áudio das entrevistas e diário de campo. A técnica que foi utilizada na análise dos dados foi a Análise Temática, que é dividida em três etapas: a pré-análise, em que foram escolhidos os documentos analisados com resgate da hipótese e

objetivos do trabalho; a exploração do material, com recortes do texto, o qual se estabeleceu regras para a quantificação e, por fim, a categorização dos dados, e; tratamento dos resultados obtidos e interpretação (MINAYO, 1992).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa oito mulheres e, a partir dos dados obtidos, foi possível conhecer o perfil das entrevistadas, em que observou-se que elas possuem uma média de idade de 50 anos, e maioria auto identificada parda. Além disso, a maior parte das participantes não é casada, mas têm filhos, e a média obtida em relação ao tempo de prática da religião foi de 25 anos, como pode ser observado na Tabela 1:

Tabela 1 - perfil das entrevistadas:

Participantes	Idade	Etnia	Casada?	Filhos?	Tempo na religião
C.M.	73	Branca	Viúva	3	49 anos
M.F.	62	Parda	Não	1	36 anos
M.A.	53	¹	Sim	3	46 anos
A.M.	49	Preta	Não	Não	22 anos
J.M	34	Parda	Sim	Não	34 anos
A.V.	37	¹	Não	Não	12 anos
M.G.	47	Preta	Não	2	3 anos
F.L.	46	Parda	Sim	2	2 meses

Fonte: elaborada pela autora.

A partir das leituras sucessivas das transcrições das entrevistas, as quais perguntou-se sobre início na religião, atividades realizadas no terreiro, atividades próprias da tradição umbandista feitas dentro e fora de casa, conceito de mulher e influência da religião nessa concepção, destacaram-se categorias temáticas, que são as seguintes: Iniciação à Umbanda; as Ocupações e a Umbanda; Liberdade de expressão religiosa; Ser mulher e ser de Umbanda.

3.1. Iniciação à Umbanda

Ao serem perguntadas sobre como se deu o processo de iniciação à Umbanda, 5 entrevistadas associaram a entrada à religião a um processo de adoecimento, no qual através do envolvimento com a religiosidade elas obtiveram a cura para suas enfermidades. Como exceção tem-se a participante M.A.,

¹ As entrevistadas se identificam como descendentes de povos indígenas, apesar de não se identificarem diretamente como indígenas.

53, que entrou na religião devido a episódios de mediunidade, e F.L., 46, que iniciou-se com o objetivo de acompanhar o filho.

Porque eu quando não era da religião, eu só vivia doente, entendeu? E fazia tudo pra... ia pra médico, tudo, e não tinha jeito. Depois que eu comecei a praticar a religião me sinto outra pessoa (M. F., 62).

Já é sabido na literatura que os processos espirituais podem gerar um efeito curativo. Ademais, a depender da importância que o envolvimento numa prática religiosa possa ter para a pessoa, a mesma pode promover maior qualidade de vida e crença na cura, através de impactos positivos na saúde social, espiritual, mental (Hvidt et al, 2017; Scorsolini-Comin, 2017). Nesse sentido, é possível observar que, para as participantes, o envolvimento religioso influencia nos aspectos subjetivos de encarar a própria existência e processo de saúde-doença.

Outrossim, nota-se que a crença das entrevistadas influencia diretamente o significado que a Umbanda tem para as mesmas, e este, por sua vez, afeta a qualidade ocupacional do seu envolvimento na religião.

'Se eu ficar boa, eu vou vir para o centro e vou aprender. E eu quero ser uma conhecedora da Umbanda. Eu não quero ser uma leiga, não. Eu quero ser uma conhecedora da Umbanda. Eu quero aprender tudo, e quando estiver sábia de tudo eu vou prestar a caridade no seu centro, e daqui do centro eu não vou nunca mais sair', disse C. M., 73, ao relatar conversa que teve com o Pai de Santo da casa quando iniciou-se à Umbanda.

A fala da entrevistada reforça a ideia de que a forma como as ocupações são escolhidas e a qualidade do envolvimento nelas se deve a questões como: a vontade, que motiva as pessoas a escolherem como e quais atividades irão se engajar, e; aos valores pessoais, que são as crenças sobre quais tarefas são dignas de serem realizadas, as quais possam gerar uma sensação de pertencimento por quem as realiza (Kielhofner et al., 2011).

3.2. As ocupações e a Umbanda

Em relação às ocupações de uma pessoa Umbandista fora do templo religioso, as participantes citaram diversas práticas como: defumação na casa, aguação com sal grosso, acender velas para seus guias espirituais e de seus familiares, banhos e saudações aos Orixás e outras entidades. Nesse sentido, Billock (2011) afirma que o envolvimento em uma ocupação facilita a experiência de vivência da espiritualidade. Em complemento, a autora reitera que apesar de nem todas as ocupações serem vivenciadas como "espirituais" todas tem potencial para ser. Nessa direção, nota-se que a participação nessas ocupações, que são práticas tradicionais da religião Umbandista, impacta diretamente a experimentação da própria espiritualidade das investigadas.

No que tange à influência da prática da religião umbandista em outras ocupações do cotidiano, muitas delas citaram a prática do preceito, que é o ato de renunciar ao álcool, sexo, fumo, carne e outros, nos dias em que ocorrem as atividades religiosas.

Finais de semana, bebedeira em beira de praia a gente tem que renunciar, a gente não pode tá bebendo, né? É... festas e mais festas, a gente diminui um pouco [...] Nos dias que a gente vem, vem trabalhar aqui, um dia antes a gente não bebe e não tem sexo (C. M., 73)

Pra a gente trabalhar como médium na casa a gente já entra no preceito, vamos dizer, 24h antes do trabalho. Então pra mim eu levo uma vida normal até o domingo, meia noite, né? Zero hora e um minuto da segunda feira então eu já não como carne, eu não tenho relação sexual, não tomo nenhum medicamento que possa mudar essa questão, que mexa com questão neurológica, e nenhum tipo de estimulante [...] pessoas não podem beber, não podem usar drogas, não podem fumar, enfim... (F. L., 46).

Percebe-se que essas práticas estão fortemente presentes na rotina de uma pessoa umbandista, considerando os padrões repetitivos dessas atividades, que facilitam a organização do envolvimento na religião. Levando em consideração que o terapeuta ocupacional é o profissional que se dedica à atividade humana, cujo principal objeto de domínio é a ocupação, é possível afirmar que ele está apto a trabalhar com a organização da rotina (Rabelo & Rosas, 2020). Partindo desse princípio, reforça-se a importância da Terapia Ocupacional, pensando numa intervenção plural e completa, considerando os interesses do indivíduo, conhecer de maneira mais profunda e significativa as ocupações de uma pessoa umbandista, e demais povos de terreiro.

3.3. Liberdade de expressão religiosa

Pensando na qualidade do envolvimento ocupacional na prática da religião Umbandista, foi questionado a respeito da expressão da própria religiosidade em outros lugares, além do terreiro e da própria casa das entrevistadas. A partir disso, observou-se uma ligação entre as respostas das participantes e suas idades. Por exemplo, C. M., 73, afirma não ter o costume de dizer que é da religião, e que quando trabalhava tinha medo de ser demitida por conta do preconceito; M. F., 62, nem mesmo na sua casa realiza atividades próprias da religião. Enquanto isso, A. V., 37, afirma sempre falar da Umbanda em suas redes sociais, e F. L., 46, reforça sempre fazer questão de mostrar sua religiosidade em outros lugares. Acredita-se que isso se deve a algumas mudanças político-sociais relacionadas à liberdade religiosa e de combate à intolerância religiosa.

Eu não identifico minha religião em lugar nenhum que eu esteja, [...] onde eu convivo, nunca comentei, em trabalho nenhum [...]. Gente, eu nunca comentei! [...] Eu nunca andei de branco, pra não identificar que eu sou de religião [...] Nunca comentei... porque, por que que eu fiz isso? Por causa do preconceito (C. M., 73).

Eu falo muito a respeito da umbanda no Instagram, já pra também quebrar esse misticismo negativo que existe. E eu sempre parto do pressuposto de que quando você conhece uma pessoa, e você tem um sentimento por essa pessoa, você passa a entender certas coisas de uma maneira diferente (A. V., 37).

A Constituição Federativa do Brasil (1988) declara, em seu Art. 5, inciso VI, que todos são iguais perante a lei, portanto "é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre

exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias". De acordo com Souza e Frazão (2019) o direito à liberdade religiosa é dividida de maneira complexa em diferentes ações que merecem atenções individualizadas do Estado, considerando sua laicidade. Nesse sentido, o Estado, que visa representar todas as pessoas, deve tratar todas as fés de maneira igualitária, na garantia de direitos e punição de tratamentos discriminatórios.

Sabendo que as ocupações são resultados dos aspectos subjetivos do indivíduo e do ambiente o qual ele está inserido, e esse ambiente considera os aspectos físicos, sociais, culturais, econômicos e políticos (Kielhofner *et al.*, 2011), pode-se dizer que o ambiente social e político é um fator importante que facilita ou dificulta o envolvimento em atividades significativas. Por isso, terapeutas ocupacionais consideram que, para além do indivíduo ser funcional, ele precisa estar envolvido confortavelmente em seu contexto para uma participação plena em suas ocupações (AOTA, 2020). Partindo disso, reforça-se a importância de, não apenas a Terapia Ocupacional, mas a sociedade como um todo se mobilizar na garantia da liberdade religiosa, considerando a influência do ambiente social e político no exercício das ocupações, na preservação da saúde física, mental e social de pessoas da Umbanda.

3.4. Ser mulher e ser de Umbanda

Em relação ao significado de ser mulher para as entrevistadas, todas caracterizam a mulher como forte, guerreira, capaz de administrar várias atividades simultaneamente, caridosa e dotada de bondade. Para as participantes, ser mulher é ser capaz de vencer diversas adversidades.

O que é ser mulher? É ser forte, guerreira, é ser... Uma lutadora, uma batalhadora, né? [...] a gente precisa se entender forte e viver forte. Viver para cima. Viver realizada, viver feliz (A. M., 49).

Além disso, associou-se ser mulher à liberdade de escolha sobre como gerenciar própria vida:

O que é ser mulher... é ela querer ir pra onde ela quiser, ficar onde ela quiser e fazer o que ela quiser. Porque eu acho que lugar de mulher é onde ela quiser. Então eu acho que ser mulher não é só mulher dona de casa, trabalhadeira, que se foca, estuda, é no lugar dela: é onde ela quiser! (M. G., 47).

Partindo disso, buscou-se entender como a prática da religião Umbandista influencia na construção desse conceito e no exercício do papel ocupacional das participantes, enquanto mulheres. Boa parte das entrevistadas acredita que a Umbanda influencia na forma como elas se veem enquanto mulheres, por conta dos próprios dogmas da religião de incentivo a prática da caridade, influenciando-as a serem mais bondosas com outras pessoas. Como exceção tem-se a participante F. L., 46, que afirma que espíritos não têm sexo e que o gênero é algo momentâneo podendo mudar a cada reencarnação. Outras, no entanto, defendem que entidades femininas cultuadas na Umbanda são fontes de inspiração na auto identificação de cada uma.

Todas as divindades, todas as entidades femininas na Umbanda, elas são mulheres poderosíssimas, donas de si, que elas ensinam sobre empoderamento, sobre seu poder pessoal, sobre... o sagrado feminino, sobre se valorizar, valorizar a deusa que existe dentro de você, todas elas são extraordinárias, então não tem como não pegar como exemplo e não se fortificar (A. V., 37).

Na Umbanda a mulher ocupa uma posição de destaque e tem-se Orixás como Nanã Buruquê, guardiã da sabedoria; Iansã, Orixá guerreira; Iemanjá, que representa a mãe zelosa; Oxum, Orixá do amor e da feminilidade. Todos esses aspectos observados da cultura Iorubá, e demais características emocionais dessas entidades geram um sentimento de identificação das mulheres praticantes da religião, pois são características comuns a todos (Pavei & Gerald Junior, 2021). Entidades como a Pombagira, por exemplo, apresentam uma polissemia muito humana, que se assemelha ao conceito de mulher moderna, independente e dinâmica: são sensuais, ousadas e fortes, mas também sábias e sensíveis (Barros & Bairrão, 2015).

Ser uma pessoa de terreiro, por si só, já é um ato político. Ser uma mulher de terreiro, então, é uma vida marcada pela resistência (Cunha, 2020). Diferentemente de outras religiões, e até mesmo da lógica patriarcal presente na sociedade brasileira, as mulheres de terreiro ocupam papéis de liderança na doutrina (Oliveira, 2020). Considerando que mulheres umbandistas são seres ocupacionais, pode-se afirmar que esses fatores influenciam seus papéis ocupacionais, levando em conta que a interação do indivíduo com os ambientes físico, temporal e social impacta na construção da identidade e os deveres associados a essa identidade (Kielhofner *et al.*, 2011). Partindo disso, é possível dizer que todos os pontos supracitados impactam na construção do papel ocupacional "mulher umbandista", o qual é impossível não associar a uma semiótica feminista e decolonial.

Recentemente, a Terapia Ocupacional Sul-Americana tem trazido à luz discussões como o feminismo na profissão e na sociedade, assim como debates que dialogam com as necessidades locais. Falar de feminismo na Terapia Ocupacional, é desnaturalizar um sistema profundo de injustiças vivenciados por mulheres na sociedade brasileira (Lima, 2021; Silva *et al.*, 2022). Nessa direção, reforça-se a importância da Terapia Ocupacional brasileira se debruçar sobre os recortes populacionais e as problemáticas ambientais e sociais do contexto em questão, considerando suas particularidades, para uma prática mais completa que seja inclusiva para todas as pessoas. Aponta-se, então, a necessidade da Terapia Ocupacional direcionar seu olhar para mulheres umbandistas, considerando as potencialidades e fragilidades desse grupo, numa sociedade que herda do colonialismo a opressão à mulheres e pessoas de terreiro, levando em conta os impactos que isso pode gerar no exercício livre de suas ocupações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que mulheres umbandistas se envolvem em atividades que são próprias da tradição umbandista. Essas práticas, sejam elas realizadas dentro ou fora do terreiro, trazem significado para o

seu dia-a-dia. Além disso, o envolvimento nessas ocupações têm influência na sua gestão de saúde, no trabalho, em outras ocupações do cotidiano e em seus papéis ocupacionais.

Outro ponto observado é que a prática da religião umbandista impacta a forma como as participantes se vêem enquanto mulher. Através da Umbanda, das práticas e das entidades cultuadas, essas mulheres encontram maior empoderamento feminino, em um fluxo contrário de uma sociedade patriarcal.

Um ponto limitante é a falta de estudos de terapeutas ocupacionais com pessoas umbandistas. Isso reflete uma fragilidade da profissão, que pode, ainda que involuntariamente, contribuir para a invisibilidade dessa parcela da população brasileira no seu cuidado com a saúde. Considerando que esses povos têm ocupações que são próprias da doutrina umbandista, reforça-se a importância da Terapia Ocupacional ao menos conhecer essas práticas e o significado que elas têm para as pessoas, levando em conta que a intervenção terapêutica ocupacional deve ser holística, dando importância a todos os aspectos subjetivos do sujeito.

Sugere-se, então, mais estudos da Terapia Ocupacional voltados para a população umbandista, sejam eles realizados com crianças, adultos ou idosos, homens e/ou mulheres. Essas pessoas existem, e são dignas de atenção à saúde como qualquer um, considerando o princípio da igualdade previsto na Constituição Brasileira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

American Occupational Therapy Association. (2020). *Occupational therapy practice framework: Domain et process*. <https://doi.org/10.24220/2318-0897v25n3a3777>

Ballarin, M. L. G. S., Amaral, C. E. D. F. A., Tannus, L. M. N., & Casacio, G. B. P. (2016). Espiritualidade e saúde no contexto da Terapia Ocupacional. *Revista de Ciências Médicas*, 25(3), 135-144. <https://doi.org/10.24220/2318-0897v25n3a3777>

Barros, M. L. de, & Bairrão, J. F. F. M. H. (2015). Performances de gênero na umbanda: a pombagira como interpretação afro-brasileira de "mulher"? *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (62), 126-145. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i62p126-145>

Billock, C. (2011). Espiritualidade, Ocupação e Terapia Ocupacional. In Crepeau, E. B., Cohn, E. S., Schell, B. A. B. (Org.), *Willard & Spackman Terapia Ocupacional* (pp. 647-665). Editora Guanabara Koogan.

Camargo, M. H. (2019). Elementos da sacralidade na Umbanda. In Camargo, H. W. (Org.), *Umbanda, cultura e comunicação: olhares e encruzilhadas* (pp. 15-36). Syntagma Editores.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1988). Brasília. Recuperado em 14 de agosto de 2023. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Cunha, J. M. V. (2020). *Poder e Política sob o ponto de vista de Mulheres de Terreiro no Rio Grande do Sul* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. LUME — Repositório Digital UFRGS. <http://hdl.handle.net/10183/211437>

Dravet, F. (2019). Umbanda, religiosidade popular e o princípio de ordem/desordem. In Camargo, H. W. (Org.), *Umbanda, cultura e comunicação: olhares e encruzilhadas* (pp. 38-53). Syntagma Editores.

Figueiredo, M. D. O., Zambulim, M. C., Emmel, M. L. G., Fornereto, A. D. P. N., Lourenço, G. F., Joaquim, R. H. V. T., & Barba, P. D. (2018). Terapia ocupacional: uma profissão relacionada ao feminino. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 25, 115-126. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702018000100007>

Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de empresas*, 35, 20-29. <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>

Hvidt, N. C., Hvidtjørn, D., Christensen, K., Nielsen, J. B., & Søndergaard, J. (2017). Faith moves mountains—mountains move faith: Two opposite epidemiological forces in research on religion and health. *Journal of Religion and Health*, 56, 294-304. <https://doi.org/10.1007/s10943-016-0300-1>

Kielhofner, G., Forsyth, K., Kramer, J. M., Melton, K., Dobson, E. (2011). O modelo de Ocupação Humana. In Crepeau, E. B., Cohn, E. S., Schell, B. A. B. (Org.), *Willard & Spackman Terapia Ocupacional* (pp. 647-665). Editora Guanabara Koogan.

Lima, E. M. F. D. A. (2021). Terapia ocupacional: uma profissão feminina ou feminista?. *Saúde em Debate*, 45, 154-167. <https://doi.org/10.1590/0103-11042021E112>

Lima, G. F. M. (2021). ELEMENTOS DO CULTO À POMBAGIRA MARIA PADILHA: A POSIÇÃO SIMBÓLICA DA MULHER NA RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 7(11), 337-346. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i11.3072>

Minayo, M. C. D. S. (1992). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Hucitec.

Minayo, M. C. D. S., & Costa, A. P. (2018). Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, (40), 11-25. <https://www.redalyc.org/journal/349/34958005002/34958005002.pdf>

Oliveira, A. M. B. (2020). MULHERES DE TERREIRO E PATRIARCADO: UMA PROPOSTA DE REFLEXÃO. *Revista Calundu*, 4(1), 19-38. <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v4i1.32232>

Pavei, M. A. L., & Geraldês Junior, G. A. (2021). AS CARACTERÍSTICAS ARQUETÍPICAS E SUAS RESSONÂNCIAS NOS ORIXÁS FEMININOS DA UMBANDA. *Linguagens - Revista De Letras, Artes E Comunicação*, 15(2), 153-173. <http://dx.doi.org/10.7867/1981-9943.2021v15n2p153-173>

Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da pesquisa científica.[e-book]*. Santa Maria. Ed (pp. 3-9). UAB/NTE/UFSM. Disponível em:

https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf.

Rabelo, A., & Rosas, M. (2020). ORGANIZAÇÃO DA ROTINA. *Universidade Federal de Pernambuco*. <https://www.ufpe.br/documents/1389617/1390757/rotina-+material.pdf/8409515d-c722-40e2-ac08-5e169c397de6>

Scorsolini-Comin, F. (2017). Espiritualidade e brasilidade na clínica etnopsicológica. *Psicologia Clínica*, 29(2), 319-338. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291053259010>

da Silva, M. R. (2019). Umbanda e os meios de comunicação: documentos para a compreensão da história e atualidade desta religião brasileira. In Camargo, H. W. (Org.), *Umbanda, cultura e comunicação: olhares e encruzilhadas* (pp. 70-101). Syntagma Editores.

Silva, R. S., Elesbão, K. F., Chagas, M. M., & Almeida, D. E. R. G. (2022). Feminismo decolonial e terapia ocupacional: relato de experiência de um estágio curricular no contexto da pandemia. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30, e3278. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoRE250532781>

Soboll, W. (1961). Umbanda: apresentação de sua doutrina e ritual. *Estudos Teológicos*, 1, 38-52.

Souza, V. R. C., & Frazão, A. (2019). ESTADO LAICO E LIBERDADES RELIGIOSAS: DIAGNÓSTICO E POSSIBILIDADES. In Perlingeiro, R. (Org.), *LIBERDADE RELIGIOSA E DIREITOS HUMANOS* [recurso eletrônico] (pp. 567-589). Núcleo de Pesquisa e Extensão sobre Ciências do Poder Judiciário (Nupej). https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3331387

WFOT - World Federation of Occupational Therapists. (2012). About occupational therapy. <https://www.wfot.org/about-occupational-therapy>.